Atualidade de Benveniste no Brasil: os aspectos antropológicos de uma teoria da enunciação¹

Valdir do Nascimento Flores*

Resumo

Este texto - mais comprometido com um ponto de vista teórico – apresenta uma síntese atual dos estudos em torno de Benveniste, especialmente, em torno dos aspectos antropológicos de sua teoria da linguagem, em geral, e de sua teoria da enunciação, em particular. O objetivo geral é propor uma leitura acerca dos aspectos antropológicos da teoria da enunciação de Benveniste. A conclusão explicita que Benveniste, mais do que qualquer outro linguista, possibilita ancorar uma linguística verdadeiramente preocupada com as formas da presença do homem na língua; uma presença inventiva que não poderia ser desvinculada da constitutiva condição do homem na linguagem.

Palavras-chave: Antropologia da Enunciação. Émile Benveniste. Teoria da Enunciação.

Introdução

Os aspectos antropológicos da teoria da linguagem de Benveniste há muito tempo são reconhecidos por todos os que se dedicam a estudar o autor. Exemplos não faltam.

Gérard Dessons, em Émile Benveniste, l'invention du discours, dedica uma parte de seu livro para fundamentar uma antropologia da linguagem em Benveniste:

[...] une anthropologie de la valeur, qui rend indissociables l'acte de communiquer et l'élaboration des valeurs constitutives de la societé humaine em tant que faits de culture² (DESSONS, 2006, p. 43).

Data de submissão: fev. 2017 - Data de aceite: mar. 2017

http://dx.doi.org/10.5335/rdes.v13i1.6828

Professor Titular em Língua Portuguesa do Programa de Pós-graduação em Letras da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Pesquisador do CNPq. E-mail: valdir.flores@pq.cnpq.br

Irène Fenoglio e Jean-Claude Coquet, na introdução que fazem às Últimas aulas no Collège de France, recentemente publicadas, utilizam a expressão "este antropólogo da linguagem" (2014, p. 69) para se referir a Benveniste, no contexto da reflexão acerca da escrita. Charles Malamoud, por sua vez, também desenvolve o tema, em um texto intitulado L'anthropologie d'Émile Benveniste. Remarques d'un indianiste, presente em Autour d'Émile Benveniste (2016), desta vez no contexto dos estudos comparatistas. Finalmente, Chloé Laplantine e Georges-Jean Pinault, na apresentação que fazem da recolha Langues, cultures, religions (2015), destacam o interesse de Benveniste pela antropologia, ao lembrar a participação do linguista na fundação da revista L'Homme e a atenção dada às línguas ameríndias.

Alguns anos antes, entretanto, em um pequeno texto de 1974, escrito por ocasião da publicação do segundo volume dos *Problemas de linguística geral*, Roland Barthes coloca de forma muito clara, mesmo sem ter explicitamente essa intenção, os aspectos antropológicos do pensamento benvenistiano. Diz Barthes:

Qu'est-ce donc qu'il nous dit? D'abord ceci: que le langage ne se distingue jamais d'une socialité. Ce pur linguiste, dont les objets d'étude appartiennent apparemment à l'appareil de la linguistique générale, transcendante, ne cesse en réalité de prendre le langage dans ce qu'on pourrait appeler ses concomitances: le travail, l'histoire, la culture, les institutions, bref, tout ce qui fait le réel de l'homme³ (BARTHES, 1984, p. 208) [destaque no original].

Dessa formulação de Barthes, dois pontos merecem ser destacados. O primeiro é a afirmação de "que le langage ne se distingue jamais d'une socialité"; o segundo é a observação de que Benveniste toma a linguagem no que "fait le réel de l'homme". Em minha opinião, o que Barthes coloca em palavras é a percepção que temos ao ler Benveniste de que, em sua teoria, a linguagem está inextricavelmente ligada ao homem. Isso é um princípio.

Um outro ponto de vista dessa inextricável relação é explicitamente apresentado por Malamoud no texto antes mencionado, quando afirma que a expressão "L'homme dans la langue' est une manière philosophique de parler d'antropologie" (MALAMOUD, 2016, p. 246). A isso, Malamoud acrescenta, em seguida:

mais il y a une autre manière de voir l'anthropologie de Benveniste, c'est que, étudiant des vocables ou des structures linguistique plus complexes, Benveniste est amené à parler de ce que *désignent* ces vocables et de ce que révèlent ces structures⁷ (MALA-MOUD, 2016, p. 246) [destaque no original].

Na verdade, mesmo que, em tese, eu não discorde das perspectivas de interpretação que resumidamente apresentei até aqui, minha intenção é propor uma leitura distinta. Passemos a ela.

(Re)Lendo Benveniste

Em primeiro lugar, eu quero chamar a atenção para o fato de que Barthes fala na relação *homem e linguagem* e Malamoud fala na relação *homem e língua*. Sobre essa assimetria terminológica, cabem algumas indagações.

Por que Barthes utiliza a palavra linguagem e Malamoud utiliza a palavra língua? Seriam duas faces da mesma questão? Ambos falam sobre a mesma coisa? Ou há mais de uma possibilidade de ver o antropológico em Benveniste? Haveria a possibilidade de abordar o antropológico, em Benveniste, do ponto de vista da linguagem e também do ponto de vista da língua? Que implicações teria, para o entendimento do conjunto da teoria, optar por um ou por outro caminho? Tais perspectivas são mutuamente excludentes? Ou podem ser conjugadas?

Finalmente, eu perguntaria ainda: qual o alcance das noções de *linguagem* e de *língua* na teoria de Benveniste já que a ambas é imputada a presença do homem?

Ora, como se sabe, o próprio Benveniste hesita entre *língua* e *linguagem* para nomear a famosa quinta parte dos *Problemas de linguística geral*. Isso é de conhecimento de todos os que se dedicam a estudar Benveniste: no *Prefácio* do *Problemas de linguística geral I*, Benveniste nomeia a quinta parte do livro de "o homem na linguagem", no entanto, no sumário do livro, a expressão que aparece é "o homem na língua".

Essa "troca de palavras", como se sabe, não passou de maneira despercebida por alguns leitores de Benveniste e já serviu de argumento para conclusões bem diferentes entre si. Claude Hagège, por exemplo, em seu texto *Benveniste et la linguistique de la parole*, diz que

la 5ème partie des *Problèmes* (p. 223-285), qui rassemble les six articles fondant la théorie de l'énonciation, s'intitule 'L'homme dans la langue' (par une étrange erreur, Benveniste, dans l'Avant-propos, s'y réfère sous le titre 'l'homme dans le langage'⁸ (HAGÈGE, 1984, p. 108).

Aya Ono (2007), uma especialista em Benveniste, em nota, na página 140 de seu livro *La notion d'énociation chez Émile Benveniste*, refere essa passagem de Hagège, acrescentando, em um tom crítico, que "dans l'optique de Benveniste, l'homme est en même temps dans la *langue* et dans le *langage*" (ONO, 2007, p. 141) [destaques no original]. Para Ono, "la notion d' 'homme' intervient à la fois dans la langue et dans le langage" (ONO, 2007, p. 141).

Eu estou absolutamente de acordo com Ono: acho que, na configuração teórica de Benveniste, o homem está presente, ao mesmo tempo, na linguagem e na língua. No entanto, gostaria de chamar a atenção para um ponto: acredito que o homem não está presente da mesma maneira em uma e em outra. Ou seja, o "lapso" de Benveniste tem, para mim, um valor heurístico, na medida em que ele permite certa aproximação progressiva de um aspecto fundamental da teoria benvenistiana tomada em seu conjunto: o aspecto antropológico da teoria.

Na interpretação livre que faço desse "lapso", a asserção implícita em o homem na linguagem (quer dizer, o homem está na linguagem) não é sinônima da que

se encontra implícita em o homem na língua (quer dizer, o homem está na língua). Evidentemente, há uma relação entre elas, e o indício dessa relação é a reiteração da preposição dans (na) e da palavra homem, embora tenhamos aqui também que descartar a sinonímia. Estar na linguagem não é o mesmo que estar na língua. Eu voltarei a isso mais adiante.

A alternância, e mesmo a concomitância, autorizada pelo próprio Benveniste, entre o homem na linguagem e o homem na língua permite, então, em minha opinião, elaborar duas perspectivas de leitura, complementares em sua gênese.

A primeira leitura: há uma indissociabilidade entre homem, linguagem e língua. Parece-me que isso já está devidamente compreendido no interior do pensamento benvenistiano. Todos os que se dedicam a estudar Benveniste sabem que homem, língua e linguagem se pressupõem mutuamente. Portanto, sobre isso não pretendo discorrer aqui. A fortuna crítica da obra de Benveniste é pródiga de excelentes interpretações acerca dessa pressuposição mútua.

A segunda leitura, que é sobre a qual pretendo me debruçar: *o homem na linguagem* é uma espécie de axioma geral no qual está contido um axioma específico, *o homem na língua*. Em outras palavras, minha interpretação é que a antropologia da linguagem de Benveniste é simultaneamente geral e específica ou, se quiserem, geral e concreta, e isso se traduz na relação entre esses dois axiomas.

E como operam esses axiomas, isto é, como se pode passar do axioma geral ao axioma específico? Com a noção de *significância*. É a *significância*, ponto de vista a partir do qual Benveniste sempre fez todas as suas investigações, que faz operar esses axiomas.

Como se pode notar, recorro a duas noções epistemológicas fundamentais para propor a minha leitura do antropológico em Benveniste: as noções de axioma e de operador.

Eu entendo, aqui, um axioma como uma proposição de base, que dispensa demonstração e que se refere a um dado objeto. Trata-se de uma premissa considerada necessariamente evidente e verdadeira, fundamento de uma demonstração, porém, ela mesma indemonstrável. Em uma teoria linguística, o axioma tem o papel de uma fórmula que se presume correta, embora não suscetível de demonstração. Em Benveniste, segundo minha interpretação, há dois axiomas, ambos ligados à natureza antropológica da teoria: o homem na linguagem (geral) e o homem na língua (específico).

Eu entendo o *operador* de uma teoria como o mecanismo que contém um modo de funcionamento; ele é um instrumento que exerce um modo de pensamento. O *operador* por excelência de Benveniste é a *significância*.

No esquema a seguir, apresento didaticamente o que acabei de dizer:



Vou falar, inicialmente, a respeito do axioma geral: *o homem na linguagem*.

Sua generalidade decorre da explícita afirmação de Benveniste da relação entre o homem e a linguagem. Ao longo dos artigos que compõem os *Problemas*, há um sem número de *aforismos*, no sentido geral e preciso que lhe atribui André Lalande – "proposição concisa que encerra muitos sentidos em poucas palavras" (LALANDE, 1996, p. 36) –, que colocam a inseparabilidade homem/linguagem como condição *sine qua non* do conjunto das análises linguísticas de Benveniste. Darei, aqui, poucos exemplos.

Em Vista d'olhos sobre o desenvolvimento da linguística: "o homem não foi criado duas vezes, uma sem linguagem, e uma vez com linguagem" (PLG I, p. 29)¹¹. Em Da subjetividade na linguagem: "A linguagem está na natureza do homem, que não a fabricou" (PLG I, p. 285), ou, ainda, "ensina a própria definição de homem" (PLG I, p. 285). Em Estrutura da língua estrutura da sociedade: "A linguagem é para o homem um meio, na verdade, o único meio de atingir o outro homem, de lhe transmitir e de receber dele uma mensagem" (PLG II, p. 93).

Assim, no axioma geral o homem na linguagem, o antropológico precisa ser entendido no sentido de um saber geral sobre o homem, sobre o humano, saber que é subjacente a todo e qualquer conhecimento acerca do homem, seja de sua natureza, seja de sua cultura. Esse homem que está na linguagem tem uma anterioridade lógica em relação ao pró-

prio ato de falar. Poderíamos, inclusive, dizer que o homem na linguagem é a condição inscrita na condição de todo falante. Ela é uma condição imanente e constitutiva do homem, sem a qual não haveria homo loquens.

Segundo Milner, em seu livro *Introduction à une Science du langage*, o *factum loquendi* é um fato primitivo que contém apenas uma ideia: a de que existe a linguagem e existem seres falantes. Diz Milner:

le nom courant de ce fait brut est le langage. On notera qu'il suppose une seule chose : qu'il y ait des êtres parlants. En ce sens, parler du langage, c'est seulement parler du fait que des être parlants existent [2] (1989, p. 41).

Ora, é evidente, para mim, que o axioma o homem na linguagem é o factum loquendi da teoria da linguagem de Benveniste. Isto é, um fato primitivo que afirma a pura existência da linguagem e dos seres falantes. Nessa perspectiva, a linguagem é uma propriedade constitutiva do Homo loquens.

O factum loquendi da teoria benvenistiana, diferentemente das perspectivas que se perguntam Comment le langage est venu à l'homme – eu penso aqui no volumoso trabalho de Jean-Marie Hombert e Gérard Lenclud (2014) –, permite a Benveniste desviar da interrogação acerca da origem evolutiva da linguagem no homem. Se tivéssemos que precisar, na evolução do homem, o período no qual Benveniste situa sua formulação o homem na linguagem, bastaria dizer que o tempo do qual fala Benveniste é o tempo em que o Homo sapiens já é Homo sapiens

loquens, para usar a bela formulação de Giorgio Agamben (2008). Uma linguística desligada da noção de origem é o ponto de partida para a formulação teórica de Benveniste e o ponto de chegada de suas análises das línguas. Nesse sentido, o antropológico não é algo que se acrescenta ao conjunto vasto das reflexões de Benveniste, mas é algo que lhe é essencial.

Benveniste talvez tenha sido um dos únicos linguistas não apenas a pressupor o factum loquendi, para usar os termos de Jean-Claude Milner, mas a torná-lo operatório em uma linguística. E como Benveniste operacionaliza o axioma o homem na linguagem? Com um operador por excelência: a significância.

Benveniste define a significância como a "propriedade de significar" (PLG II, p. 52). A significância faz o axioma geral o homem na linguagem operar no axioma específico o homem na língua.

Minha hipótese aqui é que uma maneira de ver o antropológico em Benveniste é a que articula o axioma geral o homem na linguagem ao axioma específico o homem na língua através do operador que é a significância.

Vou dar dois exemplos.

O primeiro exemplo vem de uma passagem de *A linguagem e a experiência* humana.

A intersubjetividade tem assim sua **temporalidade**, seus termos, suas dimensões. Por aí **se reflete na língua** a experiência de uma relação primordial, constante, indefinidamente reversível, entre o falante e seu parceiro. Em última análise, é sempre ao ato de fala no processo de troca que remete **a experiência humana inscrita na linguagem** (PLG II, p. 80, grifo meu).

Observe-se que, nessa passagem, Benveniste fala em uma "experiência humana inscrita na linguagem", o que, na minha interpretação, está ligado ao axioma geral; essa "experiência" "se reflete na língua", o que, segundo penso, diria respeito ao axioma específico. Como se dá essa passagem? No caso desse artigo, através da análise da significância da "temporalidade". Em resumo: a experiência humana na linguagem se reflete na língua através da análise da significância da temporalidade.

O segundo exemplo vem de algumas passagens do famoso artigo da subjetividade na linguagem. Nesse artigo, ele diz: "é na e pela linguagem que o homem se constitui como *sujeito*" (PLG I, p. 286) [destaque no original; grifos meus]. Esse "na e pela linguagem" confere à linguagem a propriedade de ser, ao mesmo tempo, "condição de" e "meio para". O "na linguagem" diz respeito à condição geral do homem; o "pela linguagem" diz respeito ao que "se reflete na língua", do qual falei antes. Mais adiante, afirma Benveniste: "a 'subjetividade' de que tratamos aqui é a capacidade do locutor para se propor como 'sujeito" (PLG I, p. 286) [destaques no original].

A "subjetividade" não é uma essência, mas uma operação de passagem de "locutor a sujeito". Para Benveniste, tal "subjetividade" "se determina pelo *status* linguístico da 'pessoa" (PLG I, p. 286) [destaques no original]. A noção de "pessoa" tem "*status* linguístico" e, por isso, pode ser assimilada ao que "se reflete

na língua". O fundamento da subjetividade é dado pela categoria de pessoa, presente no sistema da língua através de determinadas formas (o pronome *eu*, por exemplo). Finalmente, pergunta Benveniste: "Terá de ser linguístico esse fundamento? Onde estão os títulos da linguagem para fundar a subjetividade?" (PLG I, p. 287). E responde:

De fato, a linguagem corresponde a isso em todas as suas partes. É tão profundamente marcada ela expressão da subjetividade que nós nos perguntamos se, construída de outro modo, poderia ainda funcionar e chamar-se linguagem. Falamos realmente da linguagem e não apenas de línguas particulares. Os fatos das línguas particulares, que concordam, testemunham pela linguagem (PLG I, p. 287).

Finalmente, conclui; "a linguagem está de tal forma organizada que permite a cada locutor *apropriar-se* da língua toda designando-se como *eu*" (PLG I, p. 288) [destaques no original].

Nesse caso, fica muito claro, o *homem* na linguagem se apresenta na língua pela análise da *significância* da categoria de pessoa.

Conclusão

Enfim, é tempo de concluir e, para isso, eu gostaria de retomar o pequeno esquema que fiz antes, incluindo, nele, as minhas últimas observações.



Em minha opinião, não se pode pensar que haveria, em Benveniste, um modo filosófico de apresentar o antropológico e um modo, digamos, prático de ver esse antropológico. Na verdade. um não é desvinculado do outro. Nesse esquema, proponho que se veja que o homem na linguagem é constitutivo das análises que mostram o homem na língua. Nesse sentido, o homem na língua não diria respeito apenas à quinta parte dos Problemas de linguística geral, mas a todas as análises linguísticas de Benveniste, uma vez que sempre opera, nelas, a significância. Nesse caso, o "lapso" de Benveniste é realmente revelador.

Em síntese, há em Benveniste muitas possibilidades de "presenças" do homem na língua porque ele está, desde sempre, na linguagem. Benveniste não faz mais que mostrar que há na língua recursos, que lhes são constitutivos, que manifestam a condição do homem como ser falante. Nesse sentido, a presenca do homem na língua, porque desde sempre ele está na linguagem, é uma função essencial desse homem, do homem que fala, o que a torna objeto de uma antropologia: uma antropologia da linguagem. A "teoria da linguagem de Benveniste" - que inclui os trabalhos presentes nos Problemas de linguística geral e todos os demais trabalhos produzidos por ele, incluindo-se aí os ligados à linguística comparativa, às reflexões sobre literatura, cultura, enunciação, etc. – é o melhor testemunho disso.

Benveniste, mais do que qualquer outro linguista, possibilita ancorar uma linguística verdadeiramente preocupada com as formas da presença do homem na língua; uma presença inventiva que não poderia ser desvinculada da constitutiva condição do *homem na linguagem*.

L'actualité de Benveniste au Brésil : les aspects anthropologiques d'une théorie de l'énonciation

Résumé

Ce texte - engagé à un point de vue théorique - présente une synthèse actuelle des études autour de Benveniste; notamment, autour des aspects anthropologiques de sa théorie du langage, en général, et de sa théorie de l'énonciation, en particulier. L'objectif générale est celui de proposer une lecture sur les aspects anthropologiques de la théorie de l'énonciation de Benveniste. La conclusion explique que Benveniste, plus que tout autre linguiste, permet d'ancrer une linguistique véritablement préoccupée des formes de la présence de l'homme dans la langue; une présence qui ne pourrait pas être détachée de la condition constitutive de l'homme dans le langage.

Mots-clé: Anthropologie d'énonciation. Émile Benveniste. Teorie d'énonciation.

Notas

- Este texto reproduz, com poucas alterações de forma, uma conferência dada em 3 de outubro de 2016, na École Normale Supèrieure, em Paris, na Jornada ÉMILE BENVENISTE 2016-50 ans après les Problèmes de linguistique générale, organizada pelo Institut des Textes et Manuscrits modernes Labex TransferS, projeto « Genèse et transferts de savoirs linguistiques », sob a coordenação de Irène Fenoglio. Gostaria de deixar registrado um agradecimento a Irène Fenoglio e a Giuseppe d'Ottavi pelo convite que me fizeram para estar entre grandes intérpretes da obra de Benveniste. Em função de sua natureza, o texto preserva algumas marcas de oralidade.
- 2 "Uma antropologia do valor, que torna indissociáveis o ato de comunicar e a elaboração dos valores constitutivos da sociedade humana enquanto fatos de cultura" (Tradução minha).
- "O que é, portanto, o que ele nos diz? Primeiramente, isto: que a linguagem não se distingue nunca de uma socialidade. Esse puro linguista, cujos objetos pertencem aparentemente ao aparelho da linguística geral, transcendente, não cessa na realidade de tomar a linguagem naquilo que poderíamos chamas as suas concomitâncias: o trabalho, a história, a cultura, as instituições, em resumo, tudo o que faz o real do homem".
- ⁴ "que a linguagem não se distingue nunca de uma socialidade".
- ⁵ "faz o real do homem".
- 6 "'O homem na língua' é uma maneira filosófica de falar de antropologia".
- 7 "mas existe uma outra maneira de ver a antropologia de Benveniste, é que, estudando os vocábulos ou as estruturas linguísticas mais complexas, Benveniste é conduzido a falar do que designam esses vocábulos e do que revelam essas estruturas".
- 8 "a 5ª parte dos Problemas (p. 223-285), que reúne os seis artigos que fundam a teoria da enunciação, se intitula 'O homem na língua' (por um estranho erro, Benveniste, no Prefácio, se refere a ela sob o título 'o homem na linguagem".
- 9 "do ponto de vista de Benveniste, o homem está ao mesmo tempo na língua e na linguagem".
- 10 "a noção de homem intervém ao mesmo tempo na língua e na linguagem".
- A referência aos dois volumes de Problemas de linguística geral será feita com a sigla (PLG),

- seguida do volume (I ou II) e da página. Os livros serão citados conforme a edição brasileira. Importa lembrar que as edições em francês também foram consultadas e, sempre que necessário, inclui-se nota referente a alguma observação de tradução.
- "o nome corrente desse fato bruto é a linguagem. Nós notamos que ele ela supõe uma única coisa: que haja seres falantes. Nesse sentido, falar da linguagem não é outra coisa que falar do fato de que os seres falantes existem".

Referências

AGAMBEN, Giorgio. <i>Infância e história</i> : destruição da experiência e origem da história. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 2008.
BARTHES, R. Pourquoi j'aime Benveniste. In: Le bruissement da la langue. Essais critiques IV. Paris : Éditions du Seuil, 1984.
BENVENISTE, E. Problèmes de linguistique générale, I. Paris: Gallimard, 1966.
$\underline{\hspace{1cm}}$. Problèmes de linguistique générale, II. Paris: Gallimard, 1974.
Problemas de linguística geral I. Campinas, SP: Pontes, 1988.
Problemas de linguística geral II. Campinas, SP: Pontes, 1989.
O vocabulário das instituições indo- -europeias: Economia, Parentesco, Sociedade. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 1995. v. 1.
O vocabulário das instituições indo- -europeias: Poder, Direito, Religião. Campi- nas, SP: Editora da Unicamp, 1995. v. 2.
Baudelaire (Présentation et transcription de Chloé Laplantine). Limoges: Lambert-Lucas, 2011.
. Últimas aulas no Collège de France (1968 e 1969). São Paulo: Editora Unesp, 2014. Edição estabelecida por Jean-Claude

Coquet e Irène Fenoglio.

Langues, Cultures, Religions. Choix d'articles par Chloé laplantine et Georges-Jean Pinault. Limoges: Lambert-Lucas, 2015.

DESSONS, Gérard. Émile Benveniste: l'invention du discours. Paris: Éditions in Press, 2006.

FLORES, V. do N. *Introdução à teoria enunciativa de Benveniste*. São Paulo: Parábola, 2014.

HAGÈGE, C. Benveniste et la linguistique de la parole. In: SERBAT, G. et alli (Org.). Émile Benveniste aujourd'hui I. Louvain: Peeters, 1984. p. 105-118.

HOMBERT, Jean-Marie; LENCLUD, Gérad. Comment le langage est venu à l'homme. Paris : Fayard, 2014.

LALANDE, A. Vocabulário técnico e crítico da filosofia. São Paulo: Martins Fontes, 1996.

MALAMOUD, Charles. L'antropologie d'Émile Benveniste. Remarques d'un indianiste. In: FENOGLIO, Irène et alii. Autour d'Émile Benveniste. Paris: Seuil, 2016. p. 237-266.

MILNER, Jean-Claude. *Introduction à une science du langage*. Paris: Seuil, 1989.

ONO, A. La notion d'énonciation chez Émile Benveniste. Limoges: Lambert-Lucas, 2007.